

O FENÔMENO AMOROSO NA ADOLESCÊNCIA

THIAGO DE ALMEIDA¹

Universidade de São Paulo

Universidade Federal da Grande Dourados e Universidade Estadual Paulista

FÁTIMA ELISABETH DENARI²

Universidade Federal de São Carlos

Segundo Vincent (2005), o amor é uma característica da espécie humana. Ainda segundo a mesma autora, talvez os animais sejam até capazes de amar, mas provavelmente não tenham os instrumentais adequados para comunicá-lo. A experiência amorosa, a qual gerará um distinto conceito de amor para cada um será, então, provavelmente não somente mais um dos fenômenos com que o ser humano lidará ao longo da vida, mas um dos mais importantes. O fenômeno amoroso é fonte de desenvolvimento e de aprendizagem, pois, o comportamento amoroso que identificamos em alguns relacionamentos afetivossexuais é uma mistura de sentimentos diversos que podem ser aprendidos. Aprender a amar torna o amor essencialmente humano e se reflete na grande pluralidade de suas formas de manifestação. Daí a dificuldade de seu entendimento racional e, mesmo de sua vivência idiossincrática. Dessa forma, por meio de sua reflexão e linguagem, homens e mulheres, na tentativa de serem felizes e de se realizarem afetivamente e sexualmente tratam de temas comuns a respeito do amor, tais como: encontros, desencontros, carências, relacionamentos. A célebre máxima de Pascal: “O coração tem razões que a razão desconhece”, remete-nos a entendimentos diversos, muitos destes, corroborados pelo senso comum e pelo peso das tradições. Portanto, ao se tratar de um assunto como este, não basta mais simplesmente consultar o dicionário, ou ainda, recorrer à abundante literatura de autoajuda calcada, em uma perspectiva meramente especulativa.

Erich Fromm (1967) apontava o amor como única resposta e saída satisfatória para o problema das dificuldades do relacionamento interpessoal. Estaria tendo ele uma visão parcial, ou mesmo ingênua, do ser humano e dos seus conflitos inerentes à sua natureza? Também, há mais de dois séculos, desde que Finck afirmou: “O amor é tecido tão complexo de paradoxos, e apresenta uma diversidade tal de formas e tons, que você pode dizer praticamente tudo a respeito, e é provável que esteja certo” (Finck, 1887 citado por Berscheid & Walster, 1973, p. 106). Este conhecimento ainda é sustentável para o nosso século? Esses paradigmas ainda são válidos para as gerações atuais em comparação

¹ Psicólogo (CRP 06/75185) pela a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre pelo Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Pesquisador associado ao Laboratório de Avaliação Psicológica do Amor - LAPA da Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD, Brasil e pesquisador associado ao Grupo de pesquisa e extensão sobre sexualidades - GSEXs- UNESP, Brasil. Professor do curso de Psicologia do Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior “Dr. Aristides de Carvalho Schlobach” (ITES). Doutorando pelo o Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP).E-mail de contato: thiagodealmeida@thiagodealmeida.com.br

² DPsi/PPGEEs/UFSCar. E-mail de contato com a autora: fadenari@terra.com.br

com as gerações que lhes antecederam? Como os jovens vivenciam o amor? Como é, para um(a) adolescente, sentir-se atraído(a), envolvido(a), comprometido(a) afetivamente?

Essas questões, instigantes em sua essência, induzem-nos a buscas que, por sua vez, conduzem-nos por trilhas desconhecidas, incertas, mas fascinantes. Transcorrido muito tempo desde os primeiros estudos que discorriam sobre a adolescência, ainda muito se tematiza sobre esse fenômeno. As tentativas de lançar luz sobre esse tema trazem consigo uma infinidade de questões, atuais e complexas, que envolvem, sobretudo, os jovens de nossa sociedade contemporânea ocidental. Assim, detivemo-nos a refletir e a investigar sobre a adolescência – esse período do desenvolvimento tão rico em descobertas – e a relação desta com as questões da afetividade e do relacionamento no tocante à manifestação e expressão do amor.

ADOLESCENTES: ONTEM, HOJE E SEMPRE

Sem dúvida, os adolescentes existiram em todas as épocas e culturas (Almeida, 2003; Almeida, 2007b). Há antropólogos (e.g. Ariès, 1986) que diriam que a adolescência, como a entendemos hoje, é um fenômeno da nossa cultura. Assim, provavelmente, um adolescente na França Iluminista, ou da Idade Antiga, é diferente de um adolescente paulistano contemporâneo.

E, concomitantemente, as preocupações no tocante a essa etapa da vida também sempre estiveram presentes. Uma das primeiras preocupações com tal tema foi retratada na comédia teatral “As nuvens”, de Aristófanes, que data de 423 a.C. Assim que o texto se inicia, temos contato com a queixa de Strepsíades a respeito de seu filho Fidípides, quando este passa a contrair dívidas em que seu pai, deveras preocupado, terá de pagar para sustentar os caprichos do filho. Fidípides gasta os recursos paternos com cavalos, cocheiras, dentre outros interesses. Então, o pai reclama: “mas coitado de mim! Não posso dormir, atormentado pelas despesas, pelo custo das cocheiras e dos cavalos e pelas dívidas contraídas por meu filho para sustentar tudo isso” (Aristófanes, 1995, p. 13). E prossegue: “Ele exhibe sua longa cabeleira, monta a cavalo, guia um carro, sonha com cavalos, enquanto eu estou minguando ao ver a lua trazendo os dias dos vencimentos, ao mesmo tempo em que as dívidas e os juros se amontoam” (Aristófanes, 1995, p. 13).

Dessa forma, a adolescência, durante algum tempo, foi considerada apenas uma etapa de transição entre a infância e a vida adulta e sua caracterização era evidenciada por marcos biológicos que registravam tal momento evolutivo do ser humano (Osorio, 1992). Segundo Vitiello e Loureiro Júnior (1986), buscar um conceito exato para a adolescência é uma tarefa difícil, porém ainda mais difícil é fixar seus limites cronológicos, pois a delimitação de seu início e de seu término depende de fatores socioculturais, familiares e pessoais. Apesar disso, muitos autores tentam definir esses limites em uma idade cronológica que varia entre onze e vinte anos de idade. Nesse processo os adolescentes enfrentam realidades diferentes das que já lidaram e, diante disso, reagem e sentem-se ansiosos considerando, muitas vezes, grandes complicações para se adaptar a essa nova fase (Batista & Oliveira, 2005).

Contudo, a partir das últimas décadas do século XX, a adolescência vem se tornando, cada vez mais, um fenômeno estudado por vários segmentos sociais e áreas da ciência. Osorio (1992) identifica dois dos principais fatores que explicam este fato: a explosão demográfica do pós-guerra, que trouxe como substancial consequência o crescimento percentual da população jovem mundial e a ampliação do intervalo da faixa etária com as características da adolescência.

CONCEPÇÕES ACERCA DA ADOLESCÊNCIA

É importante salientar que a concepção de adolescência, tal como se a concebe atualmente, remonta ao final do século XIX, quando a partir da industrialização e da implantação do sistema de produção

em massa, os adultos passaram a se dedicar, mais intensamente, ao trabalho, e seus filhos tiveram de permanecer mais tempo nas instituições de ensino existentes (Levi & Schimitt, 1996; Palacios, 1995). A própria industrialização demandou mão de obra mais qualificada. A partir de então, as escolas se modernizaram para absorver o fluxo que a elas chegava.

Adolescência deriva de “*Adolescere*, uma palavra latina que significa crescer, desenvolver-se, tornar-se jovem” (Becker, 1984, p. 8). Portanto, a adolescência é uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, caracterizada por aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais (Almeida, 2003; Becker, 1984; Campos, 1986; Dolto, 1986; Kaplan, 1996; Levi & Schimitt, 1996; Osorio, 1992; Outeiral, 1994; Palacios, 1995). Essas modificações levarão a criança a se tornar adulta, acrescida da capacidade de reprodução, mostrando que o adolescente vivencia tal conquista como a irrupção de um novo papel, que modifica sua posição frente ao mundo e que também o influencia em outros planos de sua vida.

A adolescência é, pois, um período de inquestionável importância para as pessoas. A característica mais notável e clara é o acentuado desenvolvimento físico com fortes transformações internas e externas. Ocorrem também mudanças marcantes no campo intelectual e afetivo. Outra importante mudança é o amadurecimento sexual, colocando em funcionamento glândulas que produzirão importantes hormônios. E, paralelamente, ao desenvolvimento físico interno e externo, ocorrem também, modificações de caráter social. Assim, longe de ser um intervalo temporal qualquer entre idades adjacentes (a infantil e a adulta), a adolescência constitui-se como um período contínuo e um processo dinâmico, de ativa desconstrução de um passado pessoal, em parte retomado e mantido, e em contrapartida, abandonado e definitivamente preterido. É, ainda, um projeto e de construção do futuro, a partir de um enorme potencial e acervo de possibilidades ativas que o adolescente possui e tem a consciência de possuir (Fierro, 1983).

ADOLESCENTES E SEUS RELACIONAMENTOS AMOROSOS

E se a adolescência é uma fase de desenvolvimento muito importante devido a todas as transformações, também é, provavelmente, a primeira vez em que a pessoa entra em contato com o desejo futuro de constituir uma família, de se enamorar, ou seja, frequentemente de estabelecer seus primeiros passos na direção de constituir um relacionamento amoroso e sexual que constituirá a base da estruturação da sua sexualidade. Independentemente destes objetivos, será a partir dos relacionamentos interpessoais com colegas, amigos(as) e namorados(as) que o/a adolescente passará a progredir em maturação social, emocional e sexual. Nesse sentido, a sexualidade se torna fundamental para a construção social, por obedecer e por erigir normas em consonância com a sociedade na qual as pessoas estão inseridas e resulta das concepções do que é proibido e permitido, e se pauta entre os imperativos biológicos e a regulação social. Logo, a sexualidade é, simultaneamente, um dos principais fatores motivacionais nas interações humanas e um dos fundamentais vetores na estruturação das relações íntimas (Denari, 1997).

Dolto (1986) nos ensina que uma das mais difíceis tarefas de desenvolvimento parece ser a transferência do amor dos pais para os pares, inclusive para os membros do sexo oposto. Consequentemente esta metamorfose do processo afetivossexual representa uma das maiores mudanças no âmbito emocional ao tratarmos da adolescência. E a aquisição da necessidade de querer amar e de querer ser amado, frequentemente, causa inquietação nos(as) adolescentes por não compreenderem o sentido, ou ainda, os sentidos desta significativa transformação emocional.

Todavia, o amor não inquieta somente os adolescentes. Cientistas, poetas e pessoas comuns, desde há muito tempo, vêm buscando uma definição do conceito de amor. Diligentemente, procurou-se compreender a estrutura do amor. Nesta busca pela fórmula do amor, tais alquimistas acadêmicos, almejavam encontrar quais eram os seus ‘tijolos emocionais’, isto é, os seus componentes (Almeida, 2003).

Muitas tentativas de resposta já foram produzidas, porém, nenhuma delas conclusiva. Logo, há, na literatura especializada, algumas conceituações que buscam definir este outro fenômeno, contudo, nela encontramos inúmeras reflexões que apontam para controvérsias passíveis de debates e questões interessantes. E, muito embora não exista uma descrição clinicamente exata ou poeticamente elegante, capaz de captar algo que seja sua essência dada à magnitude do fenômeno amoroso. Ele não se deixa esquadrihar por quaisquer que sejam as representações que parecem querer compreendê-lo em sua totalidade. Dessa forma, ainda que hercúleos sejam os esforços de pessoas como Drummond, Quintana, Neruda, Pessoa, dentre outros poetas que celebram o amor por meio de sua lírica, deve-se admitir que escrever ou falar de amor é uma façanha cada vez mais árdua, em razão de algumas dificuldades metodológicas e impropriedades conceituais intrinsecamente relacionadas a esta tarefa, como nos aponta Almeida (2007a).

Ao tematizarmos o amor, corremos o risco de cair na banalidade, na ambiguidade, no espiritualismo ou até mesmo no sentimentalismo, de maneira que os literatos, pregadores, ou mesmo os cantores não são mais convincentes (Almeida, 2003). E como poderia haver uma afirmação veemente de validade universal no que diz respeito ao amor levando-se em consideração a pluralidade de idiosincrasias? Devemos levar em consideração que muitas experiências relacionadas à questão do fenômeno amoroso podem estar, provavelmente influenciadas pelo etnocentrismo que tentam estabelecer uma soberania na definição do que viria ou não a ser concebido como amor.

AS PESQUISAS CIENTÍFICAS QUE ABORDAM O AMOR ENQUANTO UM FENÔMENO

Até algum tempo atrás, a ciência da psicologia nunca pareceu muito interessada neste assunto, talvez por entendê-lo como algo abstrato e que desafiasse qualquer mensuração. Apenas recentemente, a psicologia, enquanto uma ciência que analisa o comportamento vem dedicando mais tempo, ou ainda, tem observado com mais rigor as questões que envolvem o amor em suas dimensões e desdobramentos.

Até então, as publicações eram poucas, muitas vezes relacionadas com o amor entre mãe, filhos, etc. A dinâmica da relação interpessoal entre um homem e uma mulher começou a ser estudada de um modo mais sistemático há menos de sete décadas. Após um conjunto de investigações em sexologia, posteriormente à Segunda Guerra Mundial, é que se começou a investir no escrutínio científico dos fenômenos relacionados ao amor romântico, em seu sentido estrito. Dentre os trabalhos que precederam tais estudos contam-se as pesquisas de A. C. Kinsey, W. B. Pomeroy e C. E. Martin, que resultaram no famoso Relatório Kinsey a respeito da sexualidade masculina (*Sexual behavior in the human male*, 1953) e feminina (*Sexual behavior in the human female*, 1953); os trabalhos de William H. Masters e Virgínia E. Johnson (*Human sexual response*, 1966, e *Human sexual inadequacy*, 1970); e o Relatório Hite³ da autora Shere Hite (anos 1980 e 1990).

Apesar das técnicas de amostragem probabilística terem sido desenvolvidas e incorporadas aos inquéritos populacionais desde as décadas de 30 e 40 do século XX, até a década de 70, acreditava-se ser impossível adotá-las em pesquisas cujo enfoque era a sexualidade, ou mesmo para a investigação de fenômenos como os sentimentos e as emoções dadas sua subjetividade, bem como pelo caráter íntimo e privado das respostas que ocasionaria um alto percentual de recusas.

De fato, depois da publicação dos trabalhos de Masters e Johnson (1966; 1970) a respeito da sexualidade humana é que se iniciou, ainda que timidamente, o enfoque do amor enquanto um fenômeno científico. Zick Rubin criou uma escala para mensurar psicometricamente o fenômeno amoroso (Rubin, 1970). Por meio de suas pesquisas (e.g., Rubin, 1973), não apenas foi demonstrado

³ Sob a denominação The Hite Report: A Nationwide Study of Female Sexuality, este estudo foi publicado pela feminista Shere Hite, em 1976, e provocou grande impacto à época por contestar numerosas noções estabelecidas a respeito da sexualidade feminina, mas, no entanto, é criticado atualmente por suas fragilidades e inconsistências metodológicas, especialmente quanto à representatividade dos achados.

que conceitos tão intimamente atrelados como o gostar e o amar podiam ser independentes, diferindo em sua essência e em termos de intensidade de afeto, e não como partes de um único contínuo, anteriormente assim entendidos.

Outros estudos, a partir dos anos 80, foram realizados, utilizando amostras probabilísticas, instrumentos psicométricos, comprovando a viabilidade das pesquisas que tematizavam o amor e suas implicações para os relacionamentos interpessoais. A partir disso, muitas são as contribuições para o estudo do amor, como as de Tennov (1979) que diferenciaram o amor da paixão, a criação de escalas e demais teorias e instrumentais para a compreensão da sua dinâmica em um relacionamento interpessoal e para os próprios sujeitos que amam.

Das mais diversas formas e através de abordagens diversas o amor, sobretudo o romântico, para diferenciá-lo de outras formas de amor como o materno, o divino e outros, ainda não se foi possível chegar a uma simples definição do conceito de amor. Muitos discorrem a despeito dos componentes do amor (Sternberg, 1988), outros teóricos, o tipificam a partir da criação de perfis para os amantes e para os amados (Lee, 1988; Levinger, 1988), no entanto, por mais que se tenha feito, apenas se discorreu acerca dos atributos ao amor agregados sem se chegar verdadeiramente na essência para a pergunta ensejada: 'O que é o amor?'

Percebe-se que o conceito de amor e seus construtos, para as pessoas, são eminentemente subjetivos. Sentimos seus efeitos na vida cotidiana, bem como, as vicissitudes quando o experienciamos. E, embora expresso de maneiras diferenciadas, o amor é sumamente importante para o desenvolvimento da personalidade (Hernandez & Oliveira, 2003).

Ao que se sabe, o desenvolvimento emocional se dá imediatamente após o nascimento e percorre um longo caminho através das etapas determinadas pela idade e cultura, que caracterizam a evolução do ser humano (Bowlby, 1989). Grande parte dos seres humanos não vive a plenitude do amor, frequentemente, por ter errôneos ou idealizados conceitos e imagens distorcidas do que este seja. Por conseguinte, recorrem a estereotipagens amorosas, resultando arremedos afetivos que empobrecem o que concebem por amor e que tanto desgastam as pessoas (Almeida & Oliveira, 2007). Pode-se depreender que como consequência disso, no mundo há muito amor, mas também há muita solidão.

Para as pessoas, geralmente, a experiência amorosa deriva de e se fundamenta na consciência pessoal, pois o amor é encarado como necessidade e, ao mesmo tempo, como uma construção. Desta forma, pesquisar sobre o amor, especialmente aquele expresso em sua forma romântica, coloca-nos frente a um fenômeno que conhecemos desde a mais tenra idade e que ocasionalmente entabulamos contato, por meio das fortes emoções que o acompanham, mas que não refletimos a respeito das concepções e implicações que ele pode assumir.

Atualmente, as definições existentes expressam as dificuldades dos autores ao estudarem o tema amor, uma vez que há uma falta de operacionalização do conceito, assim como um conceito que o diferencie de outras manifestações humanas. Almeida e Mayor (2006) tentam definir operacionalmente o que seja o amor romântico como:

um conceito utilizado para denominar um conjunto de sentimentos diversos, distintas topografias comportamentais e múltiplos perfis de respostas cognitivas que embora variados, estão relacionados entre si e são inerentes ao ser humano, tendendo a perdurar-se e possuem inúmeras formas válidas de sua manifestação. Assim, em termos comportamentais o amor é visto como uma contingência muito especial não somente por ser multideterminado, mas também devido ao fato de sua pluralidade de consequências (p. 99).

Adicionalmente, Almeida e Mayor (2006) concebem o amor como um aspecto inerente ao ser humano, que tende a se perdurar e possui inúmeras formas válidas de manifestação. Então, o amor possui uma extensa variedade de formas e explicações sob diversos prismas. Dessa forma, em termos cognitivo-comportamentais, o amor é visto por estes autores como um sistema complexo e

dinâmico, não só por ser multideterminado, mas também pelo fato de apresentar uma pluralidade de consequências.

Se o que se foi dito até então é concernente ao panorama científico em relação ao panorama do amor, é essencial, também, verificar se a atribuição dos significados que as pessoas atribuem ao amor é consistente àquelas teorias que emergiram ao longo do tempo. E se para a própria comunidade científica, poetas e demais literatos, há uma imensa dificuldade em se definir o conceito de amor, esta tendência está presente para os/as adolescentes. Isto seria talvez decorrente do baixo acúmulo de experiências ao longo de suas vidas? Nos dizeres de Angerami e Angerami-Calmon (2004, p. 15): “ao se perguntar para um adolescente o que é o amor as respostas são as mais diversas e variam quantas forem às respostas obtidas”. Talvez esta afirmativa se estenda até mesmo para o mundo conceitual adulto a respeito do amor.

Consequentemente, o presente trabalho tem a intenção de compreender mais adequadamente o amor, clarificando os possíveis conceitos que as pessoas atribuem a tal fenômeno. Desta forma, tentamos analisar o que adolescentes pensam a respeito do amor, como eles(as) formam este conceito e possíveis implicações práticas no cotidiano dos(as) mesmos(as). A análise qualitativa do amor será feita a partir do esteio da análise de conteúdo de Bardin (1977) por compreender o amor como uma rede de conceitos inter-relacionados. Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo pode ser entendida como

“um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (p. 42).

MÉTODO

Participantes

Participaram deste estudo 52 adolescentes – do sexo masculino e do sexo feminino – na faixa etária de 15 a 26 anos, com média de idade de 16,8 anos, alunos do Ensino Médio de uma escola de uma cidade de médio porte do interior paulista. Embora a escolha dos participantes tenha sido aleatória, foi proposital a distribuição dos participantes em uma amostra 50% masculina e 50% feminina para verificar o efeito do gênero sobre as respostas dadas.

Instrumento

Os participantes responderam a um instrumento denominado “Inventário de seleção para parceiros amorosos” criado especialmente para esta pesquisa. Este instrumento, composto por 27 perguntas descritivas, em sua maioria, continha questões abertas e fechadas, versando sobre a temática investigada. Salienta-se que houve uma testagem piloto que permitiu aferir o instrumento, para ser reaplicado na amostra oficial, possibilitando ajustes e correções. A aplicação deste instrumento foi precedida por um rol de instruções para o seu adequado preenchimento. Na versão final deste instrumento, o mesmo compunha-se de duas folhas de papel sulfite tamanho A4.

Procedimento de coleta dos dados

Foi oficializado o contato com a escola participante na pessoa da diretora. Posteriormente ao contato e à anuência por parte da escola o primeiro autor realizou a seleção dos participantes. Todos os alunos selecionados para a aplicação oficial do instrumento estavam matriculados no segundo

nível do ensino médio. Esta escolha baseou-se no fato de que esta amostra tinha peculiaridades que a tornavam de caráter representativo para o presente estudo. Em primeiro lugar, não eram recém-ingressos na escola, estavam adaptados ao ritmo da mesma, e não tinham tantas preocupações pré-vestibulares como os alunos da série subsequente. Partiu-se também da suposição que a amostra selecionada é a que mais devia conter alunos dentro da faixa etária enfatizada pelo presente estudo.

O cálculo da amostragem contou com um número proporcional de alunos de acordo com o número de alunos por turma. O primeiro autor recorreu ao artifício de convocar aleatoriamente os participantes baseando-se no número médio dos alunos de cada classe dessa escola e da atribuição numérica designada para cada aluno. Dessa forma, foram indicados para o estudo aproximadamente seis alunos e seis alunas de cada sala de aula. Deixa-se claro que os alunos que participaram da testagem piloto não participaram novamente da aplicação oficial do instrumento. Os alunos foram então, encaminhados para uma sala, designada pela escola, para preencherem os questionários.

Resultados e discussão

O pesquisador que trabalha seus dados a partir da perspectiva da análise de conteúdo está sempre procurando um texto a partir de outro texto, isto é, um texto que aparentemente não está manifesto já numa primeira leitura e que precisa de uma metodologia para ser desvendado. Do ponto de vista analítico-instrumental, esta diretriz foi fundamental para a compreensão dos dados fornecidos nos questionários e permeará a interpretação dos resultados. Além disso, as respostas coletadas ainda foram analisadas quantitativamente de modo a elucidar as questões norteadoras do trabalho original. Então, a partir das respostas obtidas foram detectadas algumas tendências de comportamento do jovem ocidental. Muitos dos dados foram condizentes com a literatura sobre os processos cognitivos e emocionais das relações conhecidas como interpessoais.

Relacionamentos amorosos para o adolescente tanto podem representar uma fonte de prazer quanto de ansiedade e de conflito. Geralmente a falta de experiência em relacionamentos românticos gera angústia e fantasias inadequadas. Pelas respostas dadas, percebe-se que as pessoas consideram que o amor prescindia do outro para acontecer. Branden (1988) enfatiza algumas necessidades implicadas na relação amorosa, dentre elas a de companhia humana, alguém para compartilhar valores, sentimentos, interesses e objetivos, bem como de suporte emocional, tendo alguém devotado para o nosso bem-estar, um aliado face aos desafios da vida, e a de autoconsciência e de autodescoberta, que se obtém mediante o processo de intimidade e confrontação com outro ser humano. Podem-se seccionar frases como “o amor é gostar muito de alguém e não conseguir ficar longe da pessoa que você gosta” (participante masculino, 17 anos) e “uma grande vontade de estar com a pessoa” (participante feminina, 15 anos) que refletem esta tendência.

Consoante Braz (2006) o amor é a condição fundamental para o nascimento ontogenético da pessoa. Ele participou e participa ativamente da evolução e estruturação da personalidade e de sua subjetividade, porque é capaz de aproximar a pessoa de sua essência, por propiciar o desenvolvimento de relações sociais, dentre outras coisas. Contudo, muito longe de ser meramente um impulso gregário, como alguns podem pensar, amar é ir ao encontro de alguém e permitir a vinda deste ao nosso encontro (Almeida, 2004; Alberoni, 1986). Então, amar alguém, em primeira análise significa, então, reconhecer uma pessoa como fonte real ou potencial para a própria felicidade (Ingenieros, 1968; Simmel, 1993). Disso decorre o desejo afetivo-sexual.

Uma vez eclodido este desejo, há uma série de ações que pertencem a um ciclo de gratificação recíproca entre os pares. Dessa forma, o amor desenvolve-se e se torna cada vez mais forte. Contudo, Shinyashiki e Dumêt (2002) são categóricos ao nos dizerem que: “apenas a decisão racional de querer encontrar alguém não é suficiente para possibilitar o encontro” (p. 166). Ainda estes autores referem que, na “realidade, quem não encontra alguém é porque, internamente, não está predisposto a amar.

Não está disponível para envolver-se e, erroneamente, pensa que está querendo compartilhar o amor” (p. 166). E, talvez, esse seja um dos componentes do fenômeno amoroso para a sua gênese: estar disponível psicologicamente ou internamente para ir ao encontro do outro.

Com relação à pergunta realizada para os participantes, isto é, “o que é o amor na sua opinião?”, o amor, conforme compreendido por Bowlby (1989), pode ser definido como um conceito universal e natural, ou seja, está presente em todas as culturas, ao menos nas pesquisadas como nos estudos de Buss et al. (1990); Jankowiak & Fischer (1992), e é inerente às épocas no qual está inserido e modelado por elas (de acordo com a concepção de Batten, 1995). Isso pode ser observado, por exemplo, nas seguintes frases: “O amor é um sentimento que não se acaba...” (participante masculino, 16 anos), “O amor é um sentimento que os seres humanos têm a capacidade de desenvolver uns para os outros...” (participante feminino, 16 anos); “O amor é um sentimento que rege o mundo” (participante masculino, 15 anos). Contudo, pode-se dizer que a cultura desde Ovídio, e os que o antecederam, a Shakespeare e os que virão a lhes sucederem, modelam a cultura, pode-se pensar na possibilidade de o amor ser culturalmente condicionado pelas suas práticas e vivências, o que corrobora com Stone: “nenhuma aprovação social nem uma real experiência de amor romântico é comum a todas as sociedades” (Stone, 1988, p.16).

Na segunda metade dos anos 80, emergiu uma nova prática de relacionamento entre os jovens adolescentes que foi intitulada convencionalmente como “ficar”. Os autores definem essa modalidade de relacionamento afetivo-interpessoal como um exercício de sedução, ou ainda, um relacionamento marcado pela falta de compromisso e pela pluralidade de desejos e de regras e usos, cujo objetivo principal é a busca de prazer (Chaves, 1997; Vitiello, 1993). Dessa forma, “Ficar com” é uma atividade que contribui para a maturação afetivossexual de garotos e garotas. É um comportamento repleto de regras, embora aparentemente possa não parecer. Dentre as principais regras que regulam tais práticas, podemos citar a necessidade de locais apropriados, a existência de permissões e de interdições quanto aos atos envolvidos, quanto ao número de parceiros possíveis, regras relacionadas ao lapso de tempo entre uma ficada e outra, etc. Pode envolver relações sexuais ou não e é inclusive incomum que ela aconteça quando se trata de púberes. O “ficar” tem seu auge na adolescência, e tende a deixar de acontecer na medida em que os jovens vão ficando mais amadurecidos, emocional e sexualmente, e procuram estabelecer vínculos mais duradouros (Chaves, 1997; Vitiello, 1993).

Comparando as respostas para a questão “Você já namorou (ou ficou) com alguém?”, de acordo com o gênero dos respondentes, obteve-se que 21% dos respondentes do sexo feminino e 23% dos respondentes do sexo masculino já namoraram e ficaram. Se antigamente as parcerias amorosas estavam imbuídas de um utilitarismo pragmatista e eram selecionadas para facilitar a vida cotidiana a fim de respeitar as tradições, consolidar um patrimônio ou garantir a descendência, atualmente percebe-se o relaxamento de tais diretrizes no momento da escolha amorosa. Para a opção “só fiquei”, 19% dos respondentes foram do sexo feminino e 21% dos respondentes foram do sexo masculino. Então, geralmente se observa que ao escolher, ainda que inconscientemente, um parceiro afetivo, mesmo para aventuras breves, o que se procura é o prazer. Assim, pode-se dizer que o que se pede então ao objeto (da escolha) é que seja essencialmente um fator de satisfação. Caso falhe, a relação pode cessar imediatamente. O que também pode explicar em parte a falta de comprometimento dos parceiros em um relacionamento interpessoal como o ficar e suas vicissitudes. Para a opção “só namorei”, não houve respondentes do sexo masculino, então os 6% que assinalaram tal opção foram do sexo feminino. O que pode sinalizar que os garotos podem ter um comportamento mais exploratório no que se refere às variantes dos relacionamentos amorosos, como o ficar. A proporção de garotos e garotas que “Ainda não namoraram”, é a mesma, 2%. Vários motivos embora não pesquisados podem ser pensados: timidez, influência familiar, outras prioridades elencadas para a vida dessas pessoas. A proporção de respondentes que “Ainda não ficaram” é maior para respondentes do sexo masculino, 4%, do que para respondentes do sexo feminino, 2%. Isso pode estar relacionado ao fato das garotas

adquirem primeiramente os caracteres sexuais secundários o que provavelmente desperta mais a atenção dos garotos da sua idade, bem como para outros parceiros em potencial de outras faixas etárias.

Por meio dos dados obtidos podemos tirar algumas inferências tais como: pelo pouco contato do adolescente com a experiência de investir em um relacionamento amoroso, pode-se presumir que para cada adolescente possivelmente há um modo de encarar a experiência de namoro/ficar. Para alguns, por diversas características como a timidez, muitos temem se engajar em quaisquer relacionamentos amorosos com outra pessoa, embora representem apenas 6% da amostra em questão. Muitas preocupações, inclusive com o próprio físico, o modo de se portar na situação de flerte, o primeiro beijo (como apontado por Fischer, 2001) dentre outras, podem adiar a experiência afetiva, até que o adolescente esteja emocionalmente maduro, ou ainda, até que ele amplie o próprio repertório de assertividade. O próprio contato com tais experiências pode vir a ajudar muito o adolescente, desde que o mesmo se envolva no processo de mudança.

Outra questão é a linha tênue que separa os conceitos namorar e ficar. Alguns acham que o “ficar” antecede o namorar, assim como para muitos o namoro antecede o noivado, ou o próprio casamento. Quer-se deixar claro que o ato de ficar é um conceito independente do ato de namorar e que eles podem estar relacionados mais pelo critério temporal que os parceiros usualmente permanecem juntos do que por qualquer outro. Desta maneira, adolescentes pode ficar entre si e descobrirem que se gostam o suficiente para promover a relação para um *status* de namoro, ou mesmo, ficarem sem qualquer menção a investirem num relacionamento, pelas mais diversas razões possíveis. Mesmo assim, pode-se ver que a experiência de namoro é bastante comum para as pessoas, sobretudo, para os jovens.

Segundo Bystronski (1992, 1995), independentemente das variáveis histórico-sociais, é no âmbito das relações interpessoais que ser humano vive suas mais fortes emoções, dentre elas o prazer decorrente do amor. E percebemos que os adolescentes buscam o amor como uma de suas principais fontes de satisfação. A satisfação em relacionamentos de casal insere-se no contexto dos estudos sobre a qualidade dos relacionamentos amorosos. E por algumas das respostas dadas pode-se inferir que as pessoas relacionam o amor à satisfação e a falta dele a insatisfação. Tal conteúdo pode ser verificado em frases como: “O amor é sentir-se bem consigo mesmo” (participante masculino, 18 anos), “quem ama é feliz” (participante feminina, 17 anos), e “é um sentimento lindo e é melhor à medida que ele é correspondido” (participante feminina, 19 anos). Primeiramente pelas respostas obtidas podemos dizer que a ética nos relacionamentos adolescentes está em alta. E mesmo para a consolidação e a manutenção do relacionamento, os adolescentes, conforme informado, visam nutrir afeto e identificar a sinceridade, investirem no companheirismo e respeitarem os (as) seus (suas) escolhidos (as).

Também se pode inferir dos resultados obtidos que os participantes também consideram que o amor, embora em menor grau envolva um conjunto de sentimentos, comportamentos e cognições que demonstram correspondência e reciprocidade dos recursos que são investidos no parceiro. Estes dados espelham a literatura vista neste trabalho conforme mostrado por Hendrick e Hendrick (1989) e Almeida e Mayor (2006). Isto pode ser observado, por exemplo, nas seguintes frases: “O amor é o conjunto de todos os sentimentos num único que contemple os demais” (participante masculino, 19 anos), “O amor é um conjunto onde se encontram: o respeito, a amizade, a atração e o carinho” (participante feminina, 16 anos).

Dito isto, poder-se-á partir para analisar o amor de várias formas, pois, talvez, para cada ser humano exista um amor diferente (Almeida, 2003; Lee, 1988). E todos estes são viáveis, efetivos e têm o seu valor. Deve-se ainda acrescentar que cada pessoa experimenta o amor à sua maneira, pois ele é uma experiência que cada um vivencia de modo diferente e novo (Beck & Miller, 1969). É evidente que o amor acrescenta muitas facetas e que nunca é vivido do mesmo modo. Cada um de nós possui aspectos idiossincráticos de manifestar e de responder ao amor de acordo com as experiências que

vivenciamos nos relacionamentos. Há, entretanto, no amor uma profundidade raramente explicável, e essa tendência ficou patente em algumas das respostas dadas, como por exemplo, ao dizerem: “O amor é algo inexplicável e, às vezes, sem sentido” (participante feminina, 18 anos). Provavelmente, na concepção dos respondentes que deram respostas similares a estas, sendo o amor algo amplo, para o qual não há fronteiras e delineamentos rígidos, e é indiferente ao tempo, ao espaço e aos interesses.

Em relação a outras épocas observa-se que os adolescentes norteiam suas escolhas de parceiros(as) por meio do processo amoroso. Contemporaneamente esse sentimento é uma grande diretriz para se formar novas parcerias e consolidar as já existentes. Contudo, nem todas as que estabelecem relacionamentos afetivos com outras pessoas têm no amor o seu fundamento. Várias são as motivações para as pessoas selecionar parceiros e o amor é apenas uma delas. Há pessoas que, por exemplo, podem procurar parceiros(as) com vistas a estimulação oferecida pelo sexo casual. Há também aqueles que por sentirem-se inebriados pela paixão realizam suas escolhas, e podem ou não se arrepender delas. Percebe-se, assim, uma confusão, sobretudo, para os adolescentes entre os conceitos de amor e paixão (“... torna a pessoa pela qual você se apaixonou dependente”, é também a “paixão entre namorados”, participante masculino, 16 anos). Tal dado pode estar relacionado com a pouca experiência vivenciada pelos adolescentes até então, que podem estar relacionados com a confusão conceitual e o emprego desses estados afetivos em seus relacionamentos. Outros adolescentes reconhecem diferentes formas de amor que não só entre dois namorados ou cônjuges (“... um sentimento que não se acaba, como o de uma mãe por um filho... participante feminina, 17 anos”, “amor de verdade só se sente uma única vez por alguém, pela família e por Deus”, participante masculino, 18 anos).

Outras respostas, porém de menor frequência apareceram, considerando outros aspectos do amor tais como definições tautológicas (e.g., O amor é... “o amor”, participante masculino, 15 anos), o amor ampliando os horizontes da vida (e.g. “o amor significa o começo de uma vida nova, aprende-se muita coisa com o amor” de um participante masculino de 18 anos e “o amor é quando você vê o sentido para a vida” de uma participante feminina de 19 anos, ou ainda, as pessoas identificando o amor como um fenômeno *sui generis* (e.g., “o amor é um sentimento fácil de começar e quase impossível de se acabar”, participante feminina, 18 anos).

Não se pode prever pelas respostas dadas se a influência parental está presente na definição do conceito e mesmo nas formas pelas quais os adolescentes selecionam os parceiros deles. Assim, não se pode determinar se eles herdaram da sociedade ou da própria família, os padrões e atributos que formam o que concebem por amor. Mas, segundo Cashdan (1992), com sua Teoria de Investimento Parental ainda que camuflada, estaria presente em maior ou em menor grau para as mais diversas pessoas, incluindo os adolescentes que até então, predominantemente tiveram contato com seus pais e demais responsáveis. Em assim sendo, é provável que o modo como os pais concebem o amor esteja também presente na maneira pela qual eles concebem o amor. Por tal teoria (que é central para a análise chamada de sociobiológica dos relacionamentos) a autora advoga que o modelo parental vivido pela pessoa pode influenciar suas futuras estratégias quando for escolher parceiros amorosos para si. Tais estratégias são exemplificadas no texto de Cashdan (1992) desde a forma de se vestir até a forma de tocar no parceiro.

Os resultados deste estudo demonstraram que ainda há muita dificuldade em se conceituar o que seja o amor. “O que é o amor?”, essa é uma pergunta de difícil resposta e de múltiplas interpretações. São muitas as fontes com as quais os jovens do mundo contemporâneo se deparam para aprimorar o que concebem por amor. O amor se constitui um processo que acompanha o ser humano desde a sua concepção, mas a sua compreensão depende das relações que mantém com os outros e, conseqüentemente, das experiências que a pessoa pode ter frente ao fenômeno. O processo do amor pode favorecer a evolução particular no ser humano, entretanto é lento e gradual. O conceito de amor ainda compreende uma série de aprendizados, ações e interpretações para a sua dotação de

sentido que, invariavelmente, outros seres humanos constroem conjuntamente. E, desde conceitos aprendidos por meio das diversas mídias como, por exemplo, a mídia impressa, ou até mesmo a televisiva e com suas vivências cotidianas, os conceitos expressos pelos adolescentes, para este trabalho, manifestam uma dinâmica de buscas com vistas à realização emocional dos jovens. Pode-se argumentar, fundamentado nas respostas coletadas, que talvez o adolescente busque algo que sequer sabe definir, mas tal afirmação não se restringe somente ao mundo adolescente, e pode inclusive, se estender ao universo adulto da cultura ocidental, ou mesmo de outras culturas. Por estas razões e outras, o amor pode ser enquadrado pela análise conceitual de Bardin (1977) como uma rede relacional de conceitos intrinsecamente associados.

Por sua incrível abrangência e por sua extrema transcendência, apresentamos apenas um recorte do fenômeno amor, pretendendo trazer para a academia momentos de reflexão sobre um fenômeno que se apresenta como um elemento essencial para a formação e transformação humana.

Pode-se afirmar, que o ser humano vive, geralmente, num estado de incompletude afetiva, condição esta que, as pessoas buscam nos relacionamentos, sobretudo os amorosos, a satisfação dessa sua intrínseca necessidade. E o mais comum é sentir que esta plenitude idealizada será alcançada através da união com outra pessoa, detentora de tudo aquilo que o ser humano julga não possuir em si mesmo. A expectativa deste encontro, aproximação e enlace amoroso, motivam muitas pessoas a procurar parceiros para um relacionamento. Segundo Vasconcellos (1995), a procura da “alma gêmea” atende tanto as necessidades próprias, como as exigências sociais.

Seria importante que o jovem do mundo atual considerasse alguns questionamentos com o intuito de se descobrir mais como: O que ele espera do amor e de si mesmo atualmente? Os modelos amorosos aplicados nos relacionamentos que travam são ditados por quem? Em um mundo como o nosso no qual a violência influenciou muitos dos valores e preceitos da condição humana, o jovem de hoje tem no amor sua referência? Por que os adolescentes, além de outras pessoas, passam tanto tempo ocupando-se do amor? O amor que atualmente vivem está configurado e se o mesmo estaria dimensionado e definido na própria vida deles? Certamente estamos propondo tematizações que exigem respostas tais que suas respostas estão muito além de aspectos simplistas ou mesmo reducionistas.

Sendo, pois, subjetivo, o amor é uma interpretação e esta cabe ao nosso pensamento dada sua capacidade analítica. O aspecto positivo do amor é evidência de insegurança ontológica que se arraiga não necessariamente em encontrar a outra pessoa, mas procurar nela aquilo que não possuímos, ou ainda, que julgamos não possuir. Essa busca incessante nos leva a falsos momentos de afeto, enganando-nos e complicando-nos em alguns desgastes emocionais. A exemplo do que revela uma das respostas citadas pelos participantes, o amor é um sentimento único, porém multifacetado, expressando necessidade de viver e permanecer nas outras pessoas. A liberdade do amor é condição única para sua permanência e qualidade, consiste na espontaneidade da doação, no desejo de transcender nos outros, sem necessidade de manipulá-los ou torná-los continuidade de nossas apetências, desejos e frustrações. Por isso, viver o amor é viver uma arte que consiste em saber desprender-se de aspectos restritivos e punitivos em nosso crescimento pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo permitiram concluir que: (1) verifica-se que os relacionamentos amorosos para os adolescentes tanto podem representar uma fonte de prazer quanto de ansiedade e de conflito; (2) Geralmente a falta de experiência em relacionamentos românticos está relacionada ao caráter ansiogênico e a existência de fantasias inadequadas.

Amor é um fenômeno complexo que parece originar-se parcialmente de impulsos e instintos geneticamente transmitidos e, em grande parte de papéis socialmente aprendidos que modelam,

através da observação, o que definimos como comportamento amoroso. Com o passar do tempo e o ingresso em relacionamentos amorosos, provavelmente, os adolescentes amadurecerão o seu conceito de amor. Contudo, isso não ocorrerá de forma automática. Os adolescentes ao adentrarem em novos relacionamentos amorosos aumentarão o próprio repertório de comportamentos, sentimentos e pensamentos no que diz respeito ao amor que vivenciaram e vivenciam, aprimorando desta forma, o próprio conceito de amor que têm.

Torna-se necessário, assim, que novas pesquisas sejam realizadas, face aos inúmeros aspectos envolvidos neste tema, ampliando a amostra para retratar melhor como as pessoas concebem o amor romântico, garantindo assim, uma generalização que seja representativa das respostas a serem coletadas, dada a amostra diminuta recrutada para este estudo. Tal limitação decorre do fato desta pesquisa ter trabalhado com um reduzido número de participantes, oriundos de uma única instituição privada de uma cidade do interior paulista. Neste sentido, não é possível generalizar seus resultados para outras instituições, privadas e particulares, dos diversos estados da Federação. Na realidade, o que se pode afirmar é que ela retrata, com alguma segurança, as peculiaridades da amostra inquirida.

Não obstante esta limitação, os autores acreditam útil e oportuna a divulgação deste trabalho na medida em que poderá contribuir para a realização de outros estudos que visem aumentar e/ou verificar a generalidade dos resultados. Essa contribuição advém, dentre outros possíveis aspectos, da proposta de um instrumento para coletar os dados, da explicitação de um procedimento para avaliar os atributos que fazem parte ou estão comumente associados aos conceitos. Pode-se também ser pensada na sugestão de um sistema de categorias para agrupar os dados e finalmente, mas não menos importante, da divulgação um referencial teórico para análise e interpretação dos resultados. Aproveitadas tais contribuições, novos estudos serão mais que bem-vindos.

REFERÊNCIAS

- Alberoni, F. (1986). *Enamoramento e amor*. (A. G. Galvão, trad.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Almeida, T. (2003). *O perfil da escolha de objeto amoroso para o adolescente: possíveis razões*. São Carlos: Departamento de Psicologia. Trabalho de conclusão de curso.
- Almeida, T. (2004). A gênese e a escolha no amor romântico: alguns princípios regentes. *Revista de Psicologia de Fortaleza*, 22, 15-22.
- Almeida, T. (2007a). *Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Almeida, T. (2007b). *Ciúme e suas conseqüências para os relacionamentos amorosos*. Curitiba: Editora Certa.
- Almeida, T., & Mayor, A. S. (2006). O amar, o amor: Uma perspectiva contemporâneo-ocidental da dinâmica do amor para os relacionamentos amorosos. In R. R. Starling & K. A. Carvalho (Orgs). *Ciência do Comportamento: conhecer e avançar*. (Vol. 5, pp. 99-105). Santo André: ESETEC.
- Almeida, T., & Oliveira, H. C. (2007). A importância e a banalização do amor no cotidiano. *Anais da Jornada APOIAR: saúde mental nos ciclos da vida*. (pp. 120-135). São Paulo: Universidade de São Paulo, 5. CD-ROM.
- Angerami, P. L., & Angerami-Calmon, V. A. (2004). *O amor na adolescência*. São Paulo: Livro Pleno.
- Ariès, P. (1986). *História social da infância e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Aristófanes (1995). *As nuvens. Só para mulheres. Um deus chamado dinheiro*. (M. G. Kury, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Portugal: Edições 70.
- Batten, M. (1995). *Estratégias sexuais: Como as fêmeas escolhem seus parceiros* (R. Mendes, trad.). Rio de Janeiro: Rosa dos tempos.
- Batista, M. A., & Oliveira, S. M. S. S. (2005). Sintomas de ansiedade mais comuns em adolescentes. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 6, 43-50.

- Beck, E., & Miller, G. (1969). *Que é o amor?* (L. Luft, trad.). Porto Alegre: Paulinas.
- Becker, D. (1994). *O que é a adolescência?* (13ª ed., Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense.
- Berscheid, E., & Walster, E. H. (1973). *Atração interpessoal*. (D. M. Leite, trad.). São Paulo: Edgard Blücher.
- Bystronski, B. (1995). Teorias e Processos Psicossociais da Intimidade Interpessoal. In: A. Rodrigues. *Psicologia social para principiantes: Estudo da interação humana* (pp.59-90). Petrópolis: Vozes.
- Bystronski, B. (1992). *A liberação dos costumes e suas conseqüências sobre os relacionamentos amorosos heterossexuais*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas para a teoria do apego*. (S. M. de Barros, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Branden, N. (1988). A vision of romantic love. In: R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.). *The psychology of love* (pp. 218-231). New Haven: Yale University Press.
- Braz, A. L. N. (2006). Reflexões sobre as origens do amor no ser humano. *Psicologia para América Latina*, 5, Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 04/12/2012.
- Buss, D. M., Abbott, M., Angleitner, A., Asherian, A., Biaggio, A., Blanco-Villasenor, A., et al. (1990). International preferences in selecting mates: A study of 37 cultures. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 21, 5-47.
- Campos, D. M. S. (1986). *Psicologia da adolescência*. (10. ed.). Petrópolis: Vozes.
- Cashdan, E. (1992). Attracting mates: Effects of paternal investment on mate attraction strategies. *Ethology and Sociobiology*, 14, 1-24.
- Chaves, J. (1997). *Ficar com: Um novo código entre jovens*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Revan.
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: Estudos sobre o amor romântico*. (5ª ed.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Denari, F. E. (1997). *O adolescente especial e a sexualidade: Nem anjo, nem fera*. Tese Doutorado. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Dolto, F. (1986). *A causa dos adolescentes*. (J. Leite, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fierro, A. (1983). *Personalidad: Sistema de conductas*. México: Trilhas.
- Fischer, N. (2001). *Beijos: Coisas que todo mundo quer saber*. (R. Drummond, trad.). São Paulo: Melhoramentos.
- Fromm, E. (1967). *O medo à liberdade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (1989). Research on love: Does it measure up? *Journal of Personality and Social Psychology*, 56,784-794.
- Hite, S. (1976). *O Relatório Hite: Estudo sobre a sexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Ingenieros, J. (1968). *O que é o amor*. (2a ed., W. A. Noronha, trad.). Rio de Janeiro: Gráfica Editora Laemmert.
- Jankowiak, W. R., & Fischer, E. F. (1992). A cross-cultural perspective on romantic love. *Etnology*, 31, 149-155.
- Hernandez, J. A. E., & Oliveira, I. M. B. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia Ciência e Profissão*, 23, 58-69.
- Kaplan, L. J. (1996). *Adolescencia, el adiós a la infancia*. Buenos Aires: Paidós.
- Kinsey, A. C. (1953). *The sexual behavior in the human male*. Philadelphia: Saunders.
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., Martin, C. E., & Gebhardt, P. H. (1953). *Sexual behavior in the human female*. Philadelphia: Saunders.
- Lee, J. A. (1988). Love-styles. Em: R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.). *The Psychology of love* (pp. 38-67). New Haven: Yale University Press.
- Levi, G., & Schimitt, J. C. (1996). *História dos jovens: Da antigüidade à era moderna*. (C. Marcondes, trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Levinger, G. (1988). Can you picture "love"? In: R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.). *The Psychology of love* (pp.139 -158). New Haven: Yale University Press.

- Masters, W. H., & Johnson, V. E. (1966). *Human Sexual Response*. London: Churchill.
- Masters, W. H., & Johnson, V. E. (1970). *Human sexual inadequacy*. Boston: Little Brown.
- Osorio, L. C. (1992). *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Outeiral, J. O. (1994). *Adolescer: Estudos sobre a adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Palácios, J. (1995). O que é a adolescência. In: C. Coll, J. Palácios, & A. Marchesi (Eds.), *Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia evolutiva*. (Vol. 1, pp. 263-272). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rubin, Z. (1973). *Liking and loving: An invitation to social psychology*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16, 265-273.
- Shinyashiki, R. T.; Dumê, E. B. (2002). *Amar pode dar certo*. São Paulo: Gente.
- Simmel, G. (1993). *Filosofia do amor*. (L. E. de Lima Brandão, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Sternberg, R. J., & Barnes, M. L. (1988). *The psychology of love*. New Haven: Yale University Press.
- Stone, L. (1988). Passionate attachments in the West in historical perspective. In: W. Gaylin & E. Person (Eds.), *Passionate attachments: Thinking about love* (pp. 176). New York: The Free Press.
- Tennov, D. (1979). *Love and limerence: The experience of being in love*. (2ª ed.). New York: Scarborough House.
- Vasconcelos, N. (1995). *Amor e sexo na adolescência*. São Paulo: Moderna. (Coleção Polêmica).
- Vincent, L. (2005). *Por que nos apaixonamos: Como a ciência explica os mistérios do amor*. (H. S. Lancastre, trad.). São Paulo: Ediouro.
- Vitiello, M. T., & Loureiro Jr., G. R. (1986). Aspectos sócio-políticos da sexualidade na adolescência. In: N. Vitiello (Org.). *Sexologia II*. (pp. 55-57). São Paulo: Roca.
- Vitiello, N. (1993). Gravidez na adolescência. In: M. Ribeiro (Org.), *Educação sexual: Novas idéias, novas conquistas*. (pp. 129-145). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.